

O Capital Social e os Laços Fortes entre os membros da diretoria do Projeto RECA

Social Capital and Strong Ties between the RECA Project Board Members

DOI: 10.34140/bjbv3n5-025

Recebimento dos originais: 04/03/2021

Aceitação para publicação: 30/06/2021

Leonardo de Castro Ribeiro

Mestrando em Administração, Fundação Universidade Federal de Rondônia

Instituição: Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Endereço: Endereço: BR 364 KM 9,5; 78900-000 - Porto Velho, RO - Brasil

E-mail: leocr.adm@gmail.com

Gleimíria Batista da Costa Matos

Doutorado em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul

Docente no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração, Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Departamento de Ciências Contábeis.

Endereço: BR 364 KM 9,5; 78900-000 -Porto Velho, RO -Brasil

E-mail: gleimíria@unir.br

RESUMO

A exploração das riquezas naturais da Amazônia é contrastada com a pobreza da população de suas comunidades. A exploração descontrolada dos recursos naturais é insustentável do ponto de vista econômico, ambiental e sociais. Uma proposta para mitigar as externalidades ambientais e socioeconômicas seria a exploração sustentável pelas redes extrativistas e SAFs. O capital social na categoria laços fortes e fracos proporcionam a organização, fortalecimento e expansão das redes. A pesquisa foi realizada no Projeto RECA para responder à pergunta: quais as características do capital social na força dos laços fortes entre os membros da diretoria do Projeto RECA? A pesquisa tem o horizonte de tempo transversal, a epistemologia construtivista com abordagem descritiva, o método qualitativo e caracterizada como pesquisa qualitativa básica. Os dados são primários, coletados em entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas. A análise de dados foi realizada em quatro etapas, e os resultados da análise das entrevistas confirmaram o enraizamento na diretoria do Projeto RECA do Capital Social na categoria laços fortes listadas Granovetter, caracterizadas nos aspectos: quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade, confiança mútua e serviços recíprocos. Apresentando um senso de pertencimento à comunidade e à associação.

Palavras-chave: Redes, Capital Social, Laços fortes.

ABSTRACT

The exploitation of the Amazon's natural resources is contrasted with the poverty of the population of its communities. The uncontrolled exploitation of natural resources is unsustainable from an economic, environmental and social point of view. A proposal to mitigate environmental and socioeconomic externalities would be sustainable exploitation by extractive networks and SAFs. Social capital in the strong and weak ties category provide the organization, strengthening and expansion of networks. The survey was carried out in the RECA Project to answer the question: what are the characteristics of social capital in the strength of strong ties between the members of the RECA Project board? The research has a transversal time horizon, a constructivist epistemology with a descriptive approach, a qualitative method and characterized as basic qualitative research. Data are primary, collected in semi-structured interviews

with open questions. Data analysis was performed in four stages, and the results of the analysis of the interviews confirmed the rooting in the board of the RECA Project of Social Capital in the category strong ties listed Granovetter, characterized in aspects: amount of time, emotional intensity, intimacy, mutual trust and reciprocal services. Presenting a sense of belonging to the community and association.

Keywords: Networks, Social Capital, Strong ties.

1 INTRODUÇÃO

A terra tem sido vista como um recurso, e as populações inseridas no contexto da floresta amazônica também entraram nessa disputa. E, deveriam adotar uma visão de desenvolvimento que considere também o aspecto ambiental e social (HARVEY; PILGRIM, 2011). O que se vê é o contraste entre a exploração das riquezas naturais da Amazônia brasileira com a pobreza da população das comunidades que nela vivem (SOUZA, 2018).

Souza (2018) considera que o cenário é bem conturbado pela exploração descontrolada dos recursos naturais, o que é insustentável do ponto de vista econômico e ambiental, principalmente no que tange a geração de benefícios sociais e econômicos para as comunidades locais (FREITAS, et al., 2017; SOUZA, 2018).

Uma maneira de mitigar as externalidades sociais negativas que produz esse ambiente de pobreza é a apropriação social da riqueza da floresta pela implementação coordenada de redes e cadeias produtivas completas e de origem extrativista dos produtos típicos da Amazônia (SOUZA, 2018). Segundo a Embrapa, outra estratégia de mitigação das externalidades sociais, e de recuperação ambiental, são os Sistemas Agroflorestais (SAFs), sistemas produtivos baseados na sucessão ecológica, que otimizam o uso da terra, ao conciliar a produção de alimentos com a preservação ambiental.

Para que os aspectos econômico, social e ambiental ocorra de forma sustentável, é necessário a cooperação por meio do capital social. São diferentes vertentes teóricas sobre o capital social: apresentado como recurso originários nas redes (BOURDIEU, 1986); ainda como fenômeno consequente de uma estrutura social que facilita ações comuns (COLEMAM, 1988); características facilitadoras de coordenação e cooperação da organização social (PUTNAM, 1996).

Putnam (1996) considera como um fator essencial para o desenvolvimento de lugares onde as políticas públicas não são tão efetivas. Embora não se tenha um consenso na literatura sobre o assunto, as pesquisas consideram que o capital social nasce e se desenvolve da participação geralmente benéfica daqueles que pertencem a uma rede, ligada a uma fonte não monetária de poder e influência, trazendo consequências positivas da sociabilidade para o grupo (PORTES, 2000; FERNANDES, 2002). Tendo também o capital social, um conceito que perpassa pela ideia de inter-relações e cooperação mediante os laços fortes e fracos que ocorrem nas relações sociais (OLIVER, 1990; BALESTRIN; VARGAS, 2002; SOUZA, 2018).

Os vínculos ou laços são as relações sociais existentes entre indivíduos ou organizações (GRANOVETTER, 1983; MARTELETO; SILVA, 2004; MARTES, et al., 2006; BOVO, 2014). As relações para a construção dos vínculos ou laços tem como base a confiança, cooperação, aprendizado, reciprocidade, tempo, intensidade emocional, trocas mútuas, normas, valores vivenciados e partilhados através de contatos com algum grau de regularidade-frequência, similaridade e especificidade (MARTELETO; SILVA, 2004; BOVO, 2014; JUSTEN, 2017). Segundo Justen (2015) essas características das relações sociais que constroem os vínculos ou laços são encontradas no Projeto RECA.

O RECA é o Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado, situado no Distrito de Nova Califórnia no município de Porto Velho, Rondônia, de um assentamento do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Considera-se que o Projeto RECA, apresenta vínculos e laços, que levam os agentes a cooperarem entre si, criando relações estruturadas capazes de promover o desenvolvimento local através das relações partilhados de confiança, aprendizado, cooperação, reciprocidade, normas e valores vivenciados (JUSTEN, 2015).

São por meio dos laços fortes e fracos que algumas redes conseguem se organizar, fortalecer e expandir, servindo de base para o desenvolvimento social e econômico (OLIVER, 1990; BALESTRIN; VARGAS, 2002; SOUZA, 2018). Os laços fracos e fortes são responsáveis pela maioria das conexões e estrutura das redes sociais (GRANOVETTER, 1983). As relações fortes evidenciam o senso de pertencimento, a solidariedade e a confiança recíproca para resolver problemas coletivos e em ambientes cooperativos, redes sociais ou estruturas sociais (PORTES, 2000; AGOSTINI, 2015). Segundo Justen (2015) o Projeto RECA é um exemplo de sucesso e de resultados positivos na organização, fortalecimento e expansão das redes, favorecendo o desenvolvimento social e econômico, podendo servir de exemplo para outras cooperativas.

Sendo assim surge o questionamento se as categorias destacadas no trabalho seminal de Granovetter, quanto ao capital social na força dos laços forte e são responsáveis pela maioria das conexões e estrutura das redes sociais, são encontrados entre os membros da diretoria do Projeto RECA. Visto a importância desse “locus” de pesquisa, este artigo tem por objetivo descrever as principais características do capital social na força dos laços fortes entre os membros da diretoria do Projeto RECA segundo as categorias de Granovetter.

A pesquisa encontra justificativa na importância que o capital social tem nas diversas questões econômicas e sociais por meio do Embeddedness, ou seja, o enraizamento, tendo em vista que o indivíduo se envolve e participa de grupos, podendo esta ação ter consequências positivas ou negativas para o indivíduo e para o grupo no que se refere ao social e econômico, e ainda a sustentabilidade ambiental, seja local, regional e numa esfera mundial, como numa contribuição para melhor entendimento sobre o tema.

A pesquisa também tem algumas implicações práticas, pois ao descrever as características dos laços fortes na diretoria do RECA. Os resultados servirão para outras instituições, associações e

cooperativas que desejam conhecer, fortalecer e desenvolver seu capital social, na categoria laço forte, a partir da experiência dos membros da diretoria do RECA.

Este artigo está dividido em cinco seções, a introdução onde é apresentado o trabalho, a seguir vem a revisão de literatura com um aprofundamento nas principais teorias integrantes da pesquisa, em seguida vem a metodologia da pesquisa, em quarto é a descrição dos resultados, e por fim as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção do artigo versará sobre as referências teóricas que norteiam o assunto tratado destacando a importância das relações sociais dos indivíduos como constitutivo e elemento chave para a sociedade e para compreensão desta.

O Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado (Projeto RECA) é considerado um exemplo de êxito no extrativismo e produção que concilia a conservação ambiental por meio dos SAFs (SANTOS et al., 2018). O Projeto RECA tem parte de sua produção originária do extrativismo, que é considerado uma alternativa mitigadora para a degradação da floresta. O extrativismo é considerado uma atividade sustentável numa visão de preservação do planeta, com seus recursos e condições de prover renda às famílias dos agentes locais na cadeia produtiva (COSTA; MASCARENHAS, 2018).

O Projeto RECA tem além da agricultura familiar como meio de produção o extrativismo, que concilia a conservação ambiental e desenvolvimento econômico (SANTOS et al., 2018). O Projeto RECA ao utilizar o extrativismo como fonte de renda para os cooperados, realiza de forma alternativa a exploração dos recursos do bioma amazônico oportunizando não somente a exploração de madeira, agricultura, e pecuária de grande escala, mas uma exploração econômica que mantenha a floresta, utilizando produtos não madeiráveis (SOUZA, 2018). O autor considera que a solução para o ambiente social de pobreza, seria a apropriação social da riqueza da floresta pela implementação coordenada de cadeias produtivas completas e de origem extrativista dos produtos típicos da Amazônia (SOUZA, 2018). Costa e Mascarenhas (2018) apontam que a exploração extrativista tem sido exercida de forma organizada e associativa pelas cooperativas.

O Projeto RECA também se destaca por ter sua produção por meio dos SAFs, sendo uma estratégia de mitigação e até mesmo a recuperação ambiental. Os SAFs são Sistemas Agroflorestais, sistemas de uso e ocupação do solo produtivo, baseados na sucessão ecológica, parecidos aos ecossistemas naturais, em que árvores nativas ou exóticas são manejadas e consorciadas com culturas agrícolas, com arranjos pré estabelecidos com grande diversidade e interação de espécies entre elas (ABDO; VALERI; MARTINS, 2008). Considera-se que os SAFs otimizam o uso da terra, ao conciliar a produção de alimentos com a preservação ambiental e esse procedimento contribui para a sustentabilidade da utilização agrícola atual (ABDO; VALERI; MARTINS, 2008; CASTRO et al., 2009; GURGEL et al., 2015). Castro et al. (2009) considera que os sistemas agroflorestais (SAFs) representam uma alternativa agroecológica de produção,

implantados por comunidades indígenas, caboclas e ribeirinhas, que já possuem conhecimento informal e a partir desse conhecimento desenvolveram técnicas produtivas no manejo dos SAFs, garantindo o equilíbrio ecológico dos recursos naturais (CASTRO et al., 2009).

Por meio dos SAFs e pelas redes formadas pelos extrativistas ocorre a preservação do planeta e renda às famílias dos agentes locais, sendo potencializada pelo capital social por meio dos laços que vinculam os indivíduos e comunidades, conectando-os as redes sociais.

O capital social é um conceito inacabado, que refere-se as ideias estabelecidas na área de ciências sociais, com fundamentos mais fortes em sociologia, ciências políticas e economia (GONÇALVES, 2010; HEALY; HAMPSHIRE, 2002). Os reformadores sociais em várias disciplinas, incluindo educação e planejamento urbano estavam entre os primeiros expoentes deste conceito (PUTNAM, 2000). Os principais pensadores do desenvolvimento da teoria e pesquisa sobre capital social são Bourdieu (1998), Coleman (1988) e Putnam (2002) (GONÇALVES, 2010; PRATES, 2009; HEALY; HAMPSHIRE, 2002). As autoras Healy e Hampshire (2002) afirmam que houve um crescente surgimento de literatura sobre capital social.

Putnam como cientista político focou no estudo do capital social e democracia. O sociólogo francês Pierre Bourdieu, analisou como o capital social e cultural se conectam na resistência às relações de desigualdade. E a contribuição do sociólogo Coleman, demonstrou que o capital social se apresenta na forma de laços familiares e comunitários de apoio, estando associado à educação e sucesso (HEALY; HAMPSHIRE, 2002).

O capital social também é considerado como um recurso coletivo baseado nas normas e redes de intercâmbio e laços sociais entre os indivíduos pertencentes a uma determinada estrutura (MARTELETO; SILVA, 2004; PRATES, 2009; GONÇALVES, 2010).

Dessa forma, o Capital social pode ser considerado como uma resposta a diversas questões sociais, entendido como grupo de indivíduos que confiam uns nos outros e nestas relações sociais produzem e conduzem a sociedade inseridos, proporcionado mais eficiência no desenvolvimento, e uma resposta a diversas questões sociais, tendo em vista que o indivíduo se envolve e participa de grupos, podendo esta ação ter consequências positivas ou negativas para o indivíduo e para o grupo (AGOSTINI, 2015; PORTES; 2000).

O conceito de capital social também tem sido considerado como um elo para entender a construção de cooperativas e o ambiente extrativista, podendo ser aplicado no Projeto RECA (AGOSTINI, 2015). A autora ainda considera que a teoria serve como fonte principalmente com utilidade prática ao proporcionar mecanismos de construção social do capital humano com vistas para melhorar a qualidade do ambiente extrativista, principalmente na perspectiva dos laços fortes e fracos. As relações fortes evidenciam o senso de pertencimento e a importância da participação das pessoas, a solidariedade e a confiança recíproca para resolver problemas coletivos e em ambientes cooperativos, redes sociais ou estruturas sociais (PORTES,

2000; AGOSTINI, 2015). O capital social e seus laços são considerados importantes para as organizações que operam em atividades extrativistas e em redes (MARTELETO; SILVA, 2004).

O capital social se manifesta em grupo de indivíduos que confiam uns nos outros, sendo considerado como um recurso das redes, e as forças dos laços sociais servindo para vincular indivíduos e comunidades para obterem oportunidades fora da vida pessoal e das redes, e auxiliam para tomada de decisão (HEALY; HAMPSHIRE, 2002).

Os laços sociais são as ligações e relações existentes entre os diferentes nós da rede, eles são responsáveis pela maioria das conexões e estrutura das redes sociais e pela transmissão de informações através das redes. Os laços sociais são considerados de três tipos, fortes, fracos e ausentes (GRANOVETTER, 1973; BRAGA; MACIEL; CARVALHO, 2018).

Os laços fortes são caracterizados por relações de maior proximidade, face a face e tendem a ser formados por pessoas da mesma estrutura social, com grande periodicidade e intensidade, incluem, portanto, as amizades e relações familiares. Quanto a força, o laço é uma combinação de quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade-confiança mútua e serviços recíprocos (GRANOVETTER, 1983; JUSTEN, 2017; BRAGA; MACIEL; CARVALHO, 2018).

Os integrantes das redes que compartilham vínculos, geralmente participam de um mesmo círculo social, as redes consistem nos aspectos qualitativos dos relacionamentos entre os atores, e o constitutivo é uma identidade comum, credibilidade e influência (KAUFMAN, 2012). A percepção é que os indivíduos tomam decisões mais consistentes quanto mais fortes e consistentes são os vínculos em suas redes (KAUFMAN, 2012; HEALY; HAMPSHIRE, 2002).

O laço fraco é considerado o vínculo que apresenta um contato menos frequente e com menor proximidade, sendo responsáveis pela maioria das conexões e estrutura das redes sociais, bem como a transmissão de informações das redes (GRANOVETTER, 1983). Por outro lado, os laços fortes são caracterizados por situações de conhecimento face a face com grande periodicidade e intensidade, incluem, portanto, as amizades e relações familiares. Quanto a força de um laço, pode ser considerado uma combinação de quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade-confiança mútua e serviços recíprocos (GRANOVETTER, 1983; JUSTEN, 2017). Essas categorias estabelecidas por Granovetter serviram de base para comparação dos laços fortes na diretoria do Projeto RECA.

O laço fraco é considerado pelo autor como um vínculo que apresenta um contato menos frequente e com menor proximidade, como entre pessoas que são apenas conhecidos. Por fim, a definição de laços ausentes diz respeito àquelas relações sem importância significativa, como cumprimentar os vizinhos, ou com um lojista visitado frequentemente (GRANOVETTER, 1973; BRAGA; MACIEL; CARVALHO, 2018).

A origem da palavra rede nos remete ao latim, *retis*, e tem a ideia de nós, um entrelaçamento de fios, formando uma espécie de tecido, uma malha ou estrutura reticulada (FERNANDES, 2004; AHUJA; SODA; ZAHEER, 2012).

O conceito de redes é proveniente das ciências sociais, e sua natureza se refere a capacidade de ação coletiva de uma associação, grupo ou comunidade ampliada por meio do capital social (FERNANDES, 2002; BOEIRA, 2006). A estratégia de ação coletiva, a cooperação mútua e a otimização do uso de recursos materiais e humanos disponíveis é um facilitador por essas relações sociais (FERNANDES, 2002; BOEIRA, 2006). A rede social se refere a grupo de indivíduos ou organizações que confiam uns nos outros, e nestas relações sociais produzem e conduzem a sociedade (PECI, 1999; AGOSTINI, 2015).

A organização em rede constitui um novo modelo de organizações para corresponder a chegada de novas tecnologias, novos mercados e um mundo mais competitivo (NADLER; GERSTEIN, 1992). As redes também auxiliam na diminuição dos riscos e no compartilhamento de recursos, maior acesso a informações e ao “know-how”, adquirido pelas relações de colaboração (GOBBI et al., 2005; FRANCO; CÂMARA; PARENTE, 2017). O conceito ainda perpassa pela ideia de cooperação através das inter-relações mediante o capital social e dos laços fortes e fracos (OLIVER, 1990; BALESTRIN; VARGAS, 2002; SOUZA, 2018).

A incorporação da ideia de laços e de nós é uma evolução do conceito, ao considerar que as redes sociais foram interpretadas dentro de um conjunto de nós ou atores (SOUZA, 2018). Os laços são elementos produzidos pelos relacionamentos daqueles que pertencem a um mesmo círculo social que os atores fazem parte (MARTES, et al., 2006). Por meio dos laços fortes e fracos algumas redes conseguem se organizar, fortalecer e expandir, servindo de base para o desenvolvimento social e econômico (OLIVER, 1990; BALESTRIN; VARGAS, 2002; SOUZA, 2018).

A partir desse ambiente onde se desenvolve o capital social, os laços fortes e fracos servem de base para o desenvolvimento social e econômico, seja nas organizações ou cadeias produtivas de origem extrativista (SMITH-DOERR; POWELL, 2005; SOUZA, 2018).

3 METODOLOGIA

Toda pesquisa utiliza-se de um método para observar e familiarizar-se com o fenômeno ou conseguir nova compreensão do mesmo, tendo em vista a busca de melhor responder à questão de pesquisa (CRESWELL, 2010).

Para descrever o fenômeno se utilizará de uma epistemologia de pesquisa construtivista, tendo em vista que se buscará os significados subjetivos das experiências e significados direcionados para as relações, objetos ou coisas, e como o conhecimento foi construído (SACCOL, 2009).

O construtivismo foi utilizado como perspectiva epistemológica para alcançar o objetivo proposto, visto que no capital social é intrínseco às relações sociais e, em simultâneo, é um produto dessas relações (GRANOVETTER, 1983; MARTELETO; SILVA, 2004; MARTES, et al., 2006; BOVO, 2014). E os participantes das redes podem construir o significado de uma situação, um significado forjado em discussões ou interações com outras pessoas, além dos contextos históricos e culturais dos participantes (SACCOL, 2009).

Considerando os objetivos, a natureza da pesquisa é de abordagem descritiva, pois a intenção é observar e descrever a construção do capital social e os laços fortes, reunindo todos os elementos para descrever o fenômeno (CRESWELL, 2014). Quanto ao método, a pesquisa é qualitativa, onde os pesquisadores evidenciam a importância de compreender as teorias e crenças descritas na pesquisa, o pesquisador deve escrever sobre ela nos relatórios e pesquisas (CRESWELL, 2014; MERRIAM; TISDELL, 2016). A investigação tem características de pesquisa qualitativa básica, sendo a forma mais comum na busca de interpretar as experiências pessoais, a construção dos mundos pessoais e o significado atribuído as experiências pessoais. E assim compreender como as pessoas entendem suas vidas e dão significado as suas experiências (MERRIAM; TISDELL, 2016).

Em relação ao horizonte de tempo, a pesquisa é transversal devido ao fato da coleta de dados ser efetuada em um período específico e a amostra ser avaliada em um curto espaço de tempo.

O objeto da pesquisa é o Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado – Projeto RECA, situado no Distrito de Nova Califórnia no município de Porto Velho, Rondônia. A associação foi formada em 1989 por um grupo de agricultores que vieram de várias partes do Brasil para um dos assentamentos do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) (SANTOS et al., 2018). Durante esse período de aculturação na terra os agricultores tiveram que enfrentar diversos desafios para conseguir desenvolver o trabalho que se tornou referência entre as cooperativas (SANTOS et al., 2018). Para a diretoria ocorre eleição de dois anos em dois anos, normalmente ocorre na assembleia de março. O Projeto RECA é considerado um exemplo de êxito no extrativismo e produção que concilia a conservação ambiental. A floresta é preservada e ainda é utilizada como um recurso e fonte geradora de renda, melhorando a qualidade de vida dos agricultores (SANTOS et al., 2018).

O Projeto RECA conta com cerca de 1.000 hectares de seus associados, e com mais de 40 espécies de plantas frutíferas e árvores madeiras e medicinais. Tem o processamento de grandes e pequenas quantidades seja para venda direta na loja física localizada em Nova Califórnia (RO) ou enviada para todo o Brasil (PROJETO RECA, 2020).

O projeto RECA já teve safra que produziu mais de um milhão de quilos de frutos, ainda pequenas quantidades de doces, licores, geleias e mel (SANTOS et al., 2018). Já em 2020 a produção ultrapassou as metas, processaram mais de dois milhões de quilos de frutos, além de 100.000 quilos de amêndoas secas de Castanha-do-Brasil, 10.000 quilos de óleo de Castanha-do-Brasil, 120.000 quilos de amêndoas

de cupuaçu fermentadas e secas, 40.000 quilos de manteiga de cupuaçu, aproximadamente 90.000 quilos de palmito de pupunha em conserva, 30.000 quilos de sementes de pupunha lisa tratada, e mais 2.000 quilos de óleo de andiroba (PROJETO RECA, 2020).

Quanto a coleta de dados, foram coletados dados primários através de entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio em dois aparelhos simultaneamente, e salvos no drive após as entrevistas, foi realizada observação e anotações em caderno de campo (SAUNDERS et al., 2012). Também foram registrados o nome, idade, tempo que o entrevistado faz parte do projeto, tempo na diretoria, o local, data e hora da entrevista para análise dos dados. Foi definido entrevistar a diretoria do Projeto RECA que consta de quatro representantes: coordenador Presidente; Coordenador Vice-Presidente; Coordenadora Secretária; Coordenador Tesoureiro (PROJETO RECA, 2020). Os dados coletados obedeceram à manutenção do anonimato dos entrevistados e a exclusão da mesma em qualquer tempo (SAUNDERS et al., 2012).

O pré-teste foi realizado com alunos do PPGA 2018, e após serem ajustadas as perguntas no sentido de ter melhor lógica e entendimento, seguiu-se para o campo. Na presente pesquisa, as entrevistas semiestruturadas seguiram o roteiro de apresentação pessoal, apresentação da pesquisa, leitura e assinatura do termo de consentimento, e apresentação do roteiro perguntas abertas, e as entrevistas propriamente ditas. Foi oferecido o envio do artigo após a publicação, como a presença numa reunião da associação para apresentar o resultado, aceito pelos entrevistados.

Em virtude da pandemia do COVID-19 as perguntas foram realizadas apenas com membros da diretoria voluntários, no dia da pesquisa de fato, da diretoria houve aceitação do diretor e do vice-diretor, e uma técnica do controle de qualidade do Projeto RECA. Foi adotado a seguinte codificação para os entrevistados: Diretor (E1), vice-diretor (E2) e a técnica (E3).

Quadro 01: Características dos entrevistados

Entrevistado	Gênero	Idade	Função
E1	Masculino	51	Diretor
E2	Masculino	40	Vice-diretor
E3	Feminino	31	Nutricionista

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O quadro 02 apresenta as perguntas que foram feitas a fim de se observar e descrever as características do capital social na força dos laços fortes na diretoria do Projeto RECA, seguindo as seguintes categorias propostas por Granovetter (GRANOVETTER, 1973; GRANOVETTER, 1983; GRANOVETTER, 2005; JUSTEN, 2017; BRAGA; MACIEL; CARVALHO, 2018):

Quadro 02: Categorias e perguntas

Categoria	Perguntas
1. Quantidade de tempo	<p>Você poderia descrever quantas reuniões administrativas por semana ou mês ocorrem com a diretoria do RECA?</p> <p>Você poderia descrever quanto tempo a diretoria do RECA passa junto por semana ou mês?</p> <p>Além das reuniões administrativas como diretoria, vocês passam tempo juntos em ações fora do Projeto RECA, quais seriam essas ações e quantas vezes se encontram por semana ou mês?</p>
2. Intensidade emocional	<p>Poderia descrever se no tempo juntos no RECA conversam sobre outras coisas além da administração ou ações do projeto?</p> <p>Poderia descrever se vocês se encontram em outras situações como lazer, festas e confraternizações?</p> <p>Vocês poderiam descrever se há sentimentos de amizade além do Projeto RECA?</p>
3. Intimidade	<p>Você conversa sobre questões pessoais com outro integrante da Diretoria?</p> <p>Vocês compartilham situações familiares entre si ou apenas do projeto, descreva como elas ocorrem?</p>
4. Confiança mútua	<p>Poderia descrever qual o grau de confiança você tem nos demais membros da Diretoria?</p> <p>Descreva com qual periodicidade costumam fazer trocas e negociações de mercadoria entre si e se confiam uns nos outros contra oportunismos?</p>
5. Serviços recíprocos	<p>Descreva quais são as trocas econômicas, pessoais ou de amizades que são mais comuns entre os integrantes da diretoria do RECA?</p> <p>Descreva com qual periodicidade costumam fazer trocas e negociações de mercadoria entre si e se confiam uns nos outros contra oportunismos?</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Pesquisa é confidencial, não revelará a identidade ou exporá a situações vexatórias os entrevistados. Os dados serão protegidos, a pesquisa não oferece risco físico, saúde ou de vida. Não tem fins ou oferece remuneração financeira, o participante tem o direito exclusão caso julgue pertinente (FLICK, 2009).

Quanto a análise de dados, foi realizada por meio da análise de conteúdo segundo Bardin (1977). Seguiu-se a análise de conteúdo com objetivo de identificar, analisar, relatar e descrever os padrões temáticos dentro dos dados, organizando e descrevendo em riqueza de detalhes o conjunto dos dados (BARDIN, 1977). Assim, a partir dos dados coletados as entrevistas foram transcritas, e a análise temática seguiu os seguintes procedimentos: Primeiro a pré-análise dos dados transcritos, com organização e codificação do material, a partir do critério frequência, intensidade, ocorrência e recorrência, seguindo uma ordem de repetição de temas e palavras, e observação das emoções ou atitudes diante da pergunta, e uma avaliação daquilo que faz sentido analisar. No segundo momento, a partir da codificação dos dados, eles foram categorizados. Em terceiro ocorreu a avaliação das falas dos entrevistados com as categorias que Granovetter apresenta como constituinte de um laço forte, sendo: quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade, confiança mútua e serviços recíprocos (GRANOVETTER, 1983; JUSTEN, 2017). Por fim, será apresentada a interpretação e descrição dos resultados obtidos por inferência.

4 RESULTADOS

Os resultados foram obtidos a partir das categorias apresentadas por Granovetter sobre o laço forte, sendo: quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade, confiança mútua e serviços recíprocos (GRANOVETTER, 1983; JUSTEN, 2017).

Uma característica destacada por E2 é a questão que o Projeto RECA é o resultado da Associação dos agricultores daquela comunidade. Havendo uma identificação e senso de pertencimento a comunidade, e em consequência a associação. Portanto, não há uma distinção muito grande entre diretoria e associados, diretoria e comunidade, num sentido hierárquico. Segundo E2, e corroborado por E1 o senso de pertencimento do grupo é maior que a questão individual. Explicam E2 e E1 que isto é motivado pela configuração da cooperativa, o resultado da associação, logo todos são donos, todos os atores devem participar, pois, não têm apenas direitos, mas deveres de agirem de maneira que haja sucesso.

Na categoria quantidade de tempo E1, E2 e E3 consideram haver uma abundância de tempo que passam juntos, havendo de 3 a 4 reuniões mensais exclusivamente da Diretoria, mais outras reuniões da coordenação e equipes, além de reuniões extras onde os membros são os mesmos, havendo pelo menos 3 reuniões semanais onde estão juntos.

Na categoria intensidade emocional E1, E2 e E3 explicam haver uma grande ênfase no grupo e no trabalho do grupo, isto motivado pela união dos primeiros agricultores nas décadas de 70 e 80, os quais participaram da criação da associação no final da década de 80 para subsistência das famílias. Essas características de visão do coletivo produz atualmente muita ajuda mútua nas necessidades entre os membros da diretoria como integrantes da associação e pertencentes a comunidade, trabalhos sociais numa diversidade de áreas. Esse ambiente de acolhimento mútuo ainda é mantido não apenas pelas reuniões, mas por ações que promovem mais proximidade, como, por exemplo, confraternização e comemoração de aniversários. E3 destaca que hoje a propriedade do RECA possui uma estrutura para reuniões que consta de ambiente fechado, climatizado e cadeiras acolchoadas para as reuniões e assembleias, mas que os membros mais antigos da associação lembram do início, quando se reuniam debaixo de um açazeiro, expostos ao calor intenso e as picadas de mosquitos, e em bancos de madeira que eram bem desconfortáveis. E que essas recordações dão maior significado àquilo que já conquistaram atualmente e beneficiam a toda comunidade e não apenas a associação.

No que tange a categoria intimidade E1, E2 e E3 consideram que passam muito tempo juntos, seja na diretoria ou confraternizações diversas, e isso produz intimidade e compartilhar da vida além do trabalho. Os entrevistados consideram que essa proximidade e intimidade produz um senso de responsabilidade social entre os associados, capaz de promover os mutirões para ajuda mútua, inclusive daqueles que não são associados, mas que moram na comunidade e linhas. E2 acrescentou que nos grupos que participam, há constantes festas familiares onde são convidados, e existem vários momentos de lazer

realizado juntos. Ainda acrescenta que ocorrem reuniões de cunho religioso de várias esferas que os integrantes participam com a comunidade.

Na categoria confiança mútua E1, E2 e E3 dizem que o tempo de existência da associação produz confiança. Por serem aqueles que iniciaram tudo, e que a unidade ajudou a associação se manter. Assim, aqueles que ingressaram posteriormente, entraram num ambiente de confiabilidade. E1 observa que estão lidando com pessoas, e que em algumas situações ocorrem eventualmente oportunismos, mas que os associados através dos relacionamentos, senso de pertencimento e como sócios da cooperativa produzem um ambiente de confiança, vencendo esses possíveis obstáculos. E3 observa que na cooperativa existe um controle de qualidade, onde os produtos são registrados, contendo assim todo o histórico dos produtos dos associados na cooperativa, e quando há dúvidas quanto a qualquer situação esses documentos auxiliam para dirimir as dúvidas e trazer tranquilidade ao associado.

Por fim, E1, E2 e E3 consideram que a categoria serviços recíprocos promovido pela ajuda mútua, mutirões e trabalho em grupo, são ênfase da associação. E que isso não ocorre apenas com os associados, mas também na comunidade. E2 enfatiza que ao fazerem o trabalho juntos nas propriedades, ou nos mutirões para comunidade, existe um senso de gratificação em realizar as tarefas juntas. E1 e E2 utilizaram o termo responsabilidade social para falarem desses serviços recíprocos. Os entrevistados consideram que os serviços recíprocos são uma virtude da associação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos nesta pesquisa espera-se que possam contribuir para a ampliação do entendimento sobre a Força dos Laços Fortes nas instituições, cooperativas, associações e ambiente extrativistas. Neste caso, em específico, focou-se no Projeto RECA devido aos resultados positivos desta organização no fortalecimento e expansão das redes, que constituiu aos cooperados desenvolvimento social e econômico.

Visto que o capital social e seus laços são considerados importantes para as organizações que operam em atividades extrativistas e em redes. Podendo colaborar para responder a diversas questões sociais, devido à confiança dos indivíduos nestas relações sociais, proporcionado mais eficiência no desenvolvimento daqueles que se envolve e participa de grupos, que no caso do Projeto RECA trouxe consequências positivas para o grupo.

Após avaliação das entrevistas e análise a partir das categorias: quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade, confiança mútua e serviços recíprocos listadas por Granovetter no que tange a laço forte (GRANOVETTER, 1983; JUSTEN, 2017). Verificou-se que as categorias constituintes do laço forte de Granovetter estão bem enraizadas na diretoria do Projeto RECA, descritas na percepção do senso de pertencimento a comunidade, e em consequência a associação. Construído pelas relações dos associados, e pela abundância de tempo que passam juntos, seja com o grupo, no trabalho conjunto,

confraternização e comemorações diversas. Os vínculos produzem um ambiente de confiabilidade e um senso de responsabilidade social e um senso de gratificação em realizar as tarefas juntas.

Por fim, este artigo teve a limitação de tempo, pelo fato de ter sido feito durante o período de pandemia, não tendo a intenção de esgotar o assunto, já que esse campo de pesquisa é muito amplo, o presente pesquisa lança como sugestões para novas pesquisas a respeito de como os laços fortes são relevantes para o sucesso das diversas organizações e instituições da Amazônia. Ou ainda, sobre a categoria laços fracos, visto a inovação percebida empiricamente no Projeto RECA.

REFERÊNCIAS

ABDO, M. T. V. N.; VALERI, Sérgio Valiengo; MARTINS, Antônio Lúcio Mello. Sistemas agroflorestais e agricultura familiar: uma parceria interessante. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, v. 1, n. 2, p. 50-59, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Maria_Teresa_Abdo/publication/261706306_SISTEMAS_AGRO_FLORESTAIS_E_AGRICULTURA_FAMILIAR_UMA_PARCERIA_INTERESSANTE/links/00b7d535175fa47cd3000000.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2020.

AGOSTINI, Cíntia. **Desenvolvimento regional sustentável: A formação de capital social dos tipos “bonding” e “bridging” no Vale do Taquari**. 2015. Disponível em: <<http://www.univates.com.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/download/629/619>>. Acesso em 2019.

AHUJA, Gautam; SODA, Giuseppe; ZAHEER, Akbar. The genesis and dynamics of organizational networks. **Organization science**, v. 23, n. 2, p. 434-448, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1287/orsc.1110.0695>>. Acesso em: 26 out. 2020.

BALESTRIN, Alsones; VARGAS, Lilia Maria. Evidências teóricas para a compreensão das redes interorganizacionais. **Encontro de estudos organizacionais**, v. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eneo2002-46.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. Ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOEIRA, Sérgio Luís. Indústria de tabaco e cidadania: confronto entre redes organizacionais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 3, p. 28-41, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902006000300004>>. Acesso em: 26 Nov. 2018.

BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. 1986.

BOVO, Cassiano Ricardo. A contribuição da teoria da rede social, de Mark Granovetter, para a compreensão do funcionamento dos mercados e a atuação das empresas. **Pensamento & Realidade**, v. 29, n. 3, p. 17, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/download/18170/16133>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

BRAGA, Natalia Lopes; MACIEL, Regina Heloisa; CARVALHO, Renata Guimarães de. Redes sociais e capital social de catadores associados. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30173663>>. Acesso em: 25 out. 2020.

CASTRO, Albejamere Pereira de et al. Os sistemas agroflorestais como alternativa de sustentabilidade em ecossistemas de várzea no Amazonas. **Acta Amazonica**, v. 39, n. 2, p. 279-288, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0044-59672009000200006>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American journal of sociology**, v. 94, p. S95-S120, 1988.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Booking: Artimed, 2010.

CRESWELL, J. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

COSTA, Jemima Ismael da; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento. Fatores que interferem no uso das boas práticas nas etapas no EXTRATIVISMO da Castanha-da-Amazônia no Sul do Amazonas. **Revista Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 21, n. 2, Jul-Dez, p. 264-277, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufam.edu.br/educamazonia/article/download/5107/4080>>. Acesso em 22 Set. 2019.

FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. O capital social e a análise institucional e de políticas públicas. **Revista de Administração Pública**, v. 36, n. 3, p. 375-398, 2002. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/download/6444/5028>>. Acesso em 05 dez. 2019.

FERNANDES, Karina Ribeiro. Constituição de redes organizacionais como nova forma de gestão das organizações do terceiro setor. **RITS-www. rits. org. br. Acesso em**, v. 29, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Karina_Fernandes3/publication/268295814_Constituicao_de_redes_organizacionais_como_nova_forma_de_gestao_das_organizacoes_do_terceiro_setor/links/579f297c08ae6a2882f56d4e.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, Camila; CÂMARA, Samuel Faanha; PARENTE, Ronaldo Couto. Networks, R&D projects and subsidiary behavior in a host country. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-7692bar2017160093>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FREITAS, J. da S. et al. Reservas extrativistas na Amazônia: modelo conservação ambiental e desenvolvimento social?. **Embrapa Amazônia Oriental-Artigo em periódico indexado (ALICE)**, 2017. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1076923/1/102048641PB.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2020.

GOBBI, Beatriz Christo et al. Politizando o conceito de redes organizacionais: uma reflexão teórica da governança como jogo de poder. **Cadernos Ebape. BR**, v. 3, n. 1, p. 01-16, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-39512005000100004>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

GONÇALVES, Joyce Gesuilo. Capital social e a força dos laços sociais: perspectivas macrossociais', a partir do estudo de uma rede de relações no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte. **Revista Três Pontos**, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/download/3268/2050>>. Acesso: 25 out. 2020.

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties**. In: American Journal of Sociology, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1930-1938, 1973.

GRANOVETTER, M. **The Strength of Weak Ties: a network theory revisited**. Sociological Theory, v. 1, p. 201-233, 1983.

GRANOVETTER, Mark. The impact of social structure on economic outcomes. **Journal of economic perspectives**, v. 19, n. 1, p. 33-50, 2005. Disponível em: <<https://pubs.aeaweb.org/doi/pdf/10.1257/0895330053147958>>. Acesso em: 25 out. 2020.

GURGEL, F. de L. et al. Implantação de SAF com espécies frutíferas nativas em área de agricultura familiar. In: **Embrapa Amazônia Oriental-Artigo em anais de congresso (ALICE)**. Cadernos de Agroecologia, v. 10, n. 3, out. 2015., 2015. Disponível em:

<<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/143983/1/18377-78854-1-PB.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

HARVEY, Mark; PILGRIM, Sarah. The new competition for land: Food, energy, and climate change. **Food policy**, v. 36, p. S40-S51, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.foodpol.2010.11.009>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

HEALY, Karen; HAMPSHIRE, Anne. Social capital: A useful concept for social work?. **Australian Social Work**, v. 55, n. 3, p. 227-238, 2002. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/rasw20>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

JUSTEN, Gelciomar Simão et al. Estruturas de Governança em Arranjos e Sistemas Produtivos Locais: o caso do Projeto Reça. **Revista Organizações em Contexto**, v. 11, n. 21, p. 101-126, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/download/5475/pdf_133>. Acesso em: 22 nov. 2020.

JUSTEN, Gelciomar Simão; DE SOUZA, Mariluce Paes. Estruturas de governança no arranjo produtivo local (APL) da castanha-da-amazônia no estado do Acre. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 13, n. 3, 2017. Disponível em: <<https://www.rbhdr.com.br/revista/index.php/rbgdr/article/download/3247/631>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

KAUFMAN, Dora. A Força dos "Laços Fracos de Mark Granovetter no Ambiente do Ciberespaço. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553**, n. 23, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/download/5336/7580>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antonio Braz de Oliveira. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da informação**, v. 33, n. 3, p. 41-49, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-19652004000300006>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MARTES, Ana Cristina Braga et al. Fórum-redes sociais e interorganizacionais. **Revista de administração de empresas**, v. 46, n. 3, p. 10-15, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rae/v46n3/v46n3a02.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

MERRIAM, Sharan B.; TISDELL, Elizabeth J. **Qualitative Research: a guide to design and implementation**. 4 ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

NADLER, D.; GERSTEIN, MY Shaw. R. **Arquitetura organizativa**. Trad. 1994.1992

OLIVER, C. Determinants of interorganizational relationships: integration and future decisions. **Academy of Management Review**, v. 15, n. 2, p. 241-265, 1990. Disponível em: <<https://www.dse.univr.it/documenti/OccorrenzaIns/matdid/matdid565790.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

PECI, Alketa. Emergência e proliferação de redes organizacionais: marcando mudanças no mundo de negócios. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 6, p. 7 a 24, mar. 1999. ISSN 1982-3134. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7596/6122>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0873-65292000000200007&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em 23 ago. 2019.

PRATES, Antônio Augusto Pereira. Redes sociais em comunidades de baixa renda: os efeitos diferenciais dos laços fracos e dos laços fortes. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 5, p. 1117-1146, 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6724/5307>>. Acesso em: 26 out. 2020.

PROJETO RECA, 2020. Quem somos. Disponível em: <<https://www.projettoreca.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 11 nov, 2021.

PUTNAM, Robert D. et al. **Bowling alone: The collapse and revival of American community**. Simon and schuster, 2000. Disponível em: <<https://ejournals.bc.edu/index.php/cej/article/download/983/967>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

PUTNAM, Robert D. et al. The strange disappearance of civic America. **Policy: A Journal of Public Policy and Ideas**, v. 12, n. 1, p. 3, 1996. Disponível em: <https://www.eastauroraschools.org/cms/lib/NY19000901/Centricity/Domain/344/AP_Chapter_4_THE_STRANGE_DISAPPEARANCE_OF_CIVIC_AMERICA.pdf>. Acesso em: Acesso em: 28 nov. 2020.

SACCOL, Amarolinda Zanela. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/1555>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

SANTOS et al. **Projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado):** uma referência em sistemas agroflorestais. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do X CBA – Vol. 13, Nº 1, Mar. 2018.

SAUNDERS, M; LEWIS, P.; THORNHILL, A. **Research methods for business students**. 6 ed. Essex: Pearson, 2012.

SOUZA, Sidnei Silva. Governança e cooperação das redes interorganizacionais na cadeia produtiva na castanha-da-amazônia nos estados da Região Norte. 2018. Disponível em: <<http://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2595>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

SMITH-DOERR, Laurel; POWELL, Walter W. Networks and economic life. **The handbook of economic sociology**, v. 2, n. 3, p. 379-402, 2005. Disponível em: <<https://doi=10.1.1.337.4170&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 26 out. 2020.